

Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA
Director - ABEL MONTEIRO



ano—26800
nia e Est
crécimo
restituem
m ou não
ia a colab
il é solict

Sebas

se no pa
esta do
Nisa, mui
longa de
procissão
principa
ste ano
a Banda
rito conc
da sole

luto

ento de
-se de luto
inante, Sr
edo.
o o triste
amos ao S
fredo, be
lia enluta
os pèzama

IDEAL

m para a C
elbantar
realizou,
nos deix
cumprime
do Quarte
ortalegre
ençaõ.

viles

idade A
m como
nfica», e
ultimo de
ailes, qu
ta madr
povo se
ão.
s regist
saberm
eu na b
onal que
uito a la
orte das

AR ÉSTE
TER À RE
DE CORR
EIS ESCU

«COR

la Graça
a razão, H
vel. Van
u dono. P
iosos cum

lo Filipe,
trabalho
jornal.

NO «COR
QUE CIR

As cobras do "Arco da Velha" DA VERDADE

TERRIVEL praga tem sido essa, a das cobras e serpentes. Por toda a parte elas aparecem, pondo em alvoroço famílias inteiras e deixando em perigo de vida os de nenos robustos.

Do norte ao sul do país estes sucessos verificam-se com acentuada frequência. No Algarve certo menino, acostumado à vida áspera da serra mata uma serpente com a envergadura de dois metros, horrendo como ele nunca tinha visto.

Da mesma forma apareceu há pouco uma coligante, dentro do leito onde dormia certa senhora e uma criança. O susto foi de tal ordem que, e daquela, ficou quasi sem fala, em perigo de vida. Verdade, é de calcular o efeito produzido por essa extraordinária cobra, grossa e comprida, tal um cabo de marinho.

As senhoras, em geral, dispõem de receptibilidade ultra-sensível, e assim não podem ver um rato, um grilo, que não soltem o seu gritinho de susto, quando e provocante. Com uma cobra porém todo o equilíbrio se desfaz, saindo fora dos eixos parafuso e rodízios. Há então grito e urro que ferve; e a vista e se não aparece uma tábua de salvação que pode ser a flor de laranja ou a toalha encharcada, as coisas transformam-se, de cena de simples revista, em drama de faca e alguidar. E há ainda quem se quebra a monotonia sonolenta da residência sempre dá que falar à vizinhança. Mas tenha por certo o ciúme das criadas ou o génio atravessado do marido.

Nunca por nunca, sejam a cobra ou a serpente causadoras de tais estados latejantes. Mais ano meo não há que fazer uma batida às cobras como aque se efectuam para dizimar os lobos. As coisas não são já a ser demais e, por isso mesmo, é aconselhável pôr-se-lhes cobro. Entretanto, — e o riso por surge das lágrimas — há um «caso de cobra e serpente» que se tornou engraçado, por não ter tido consequências de maior.

El-lo: havia lá para o norte certa estante com em que ninguém tocava. E uma cobra, reconhecendo a inutilidade dos altarrabios para os homens, deu-lhes dar categoria e aprêço, aproveitando-os para seu ninho.

Os intuitos eram vulgares e pacíficos, tanto que na prateleira superior, existia um lar de pastas. A cobra ouvia os chilreios, enroscava-se ainho e, de vez em quando, punha o seu ovo. «Il me pour bien». Tudo aquilo além das azas dos passos era rastejante e intelectual. Os livros em certas prateleiras tinham estas funções: ou ninhos de cobras ou elementos decorativos como os «papeis pintados» e as almofadas de sala, amulêtos para afastar o bom senso e as perturbações às vizitas não acrobatas.

Não morrem as cobras que estantes não fal-

pelo Eng. PEREZ DURÃO

A curiosa «Tribuna Livre» que voltou a surgir no «Correio de Nisa», e nos deu em O corpo e a alma motivo para estas linhas, aborda o complexo problema da causa primeira e cita Ch. Richet neste seu passo:

«Nós nunca saberemos nada a respeito das origens! Quer se trate do planeta terrestre, das espécies vegetais ou animais, estamos, quanto à nascença de todas as coisas, reduzidos a fazer hipóteses».

Hipóteses, méras hipóteses; assim é!

O homem na ânsia de saber e de atingir a Verdade, vai desvendando os fenómenos da natureza.

Mas, quanto mais avança, sente que mais se afasta e, como nos diz Watson Davis em «The Evolution of Universe», encontramos em frente de uma frente de uma fronteira móvel da ciência; além da qual a ciência não pode avançar, treva em que concepções filosóficas estereis tentam florir... o início e fim do Universo conservam-se invisíveis na bruma longínqua das inexploradas regiões da Ciência».

Mas então a Ciência — que no dizer de Balzac é a imitação da natureza — será infinita e jamais definitiva, apesar de todos os progressos e esplendores das ciências?

Continua na pág. 4

Tribuna Livre

Bom humor

Tem-se escrito bastante acerca da psicologia dos portugueses.

Alguns veem-nos sempre alegres:

«Les portugais
«Sont toujours gais,
«Qu'il passe beau,
«Qu'il fasse laid...»

O conhecido estribilho da opereta «Le jour et la nuit», que nos considera como foliões e, que é provavelmente devido a simples oportunidade de rima, não nos tem feito nada bem!

Na realidade, o português médio é muitas vezes sorumbático, apreensivo, neurastênico. E' um homem que responde com frequência: Muito «chateado», meu amigo!, quando se lhe pergunta se tem passado bem.

E' vê-los, por exemplo, num transvia: como que aparausados aos assentos, têm em geral a graça de alau-des conservando ciósamente os grandes segredos do Universo

Isto quanto a eles. Porque quanto a elas «ça va un peu mieux».

Existe, é certo, um bom número de faceciosos que pretendem «lêr muita pid-

da», como êles dizem e assim das vezes só chegam a ser impertinentes ou malcriados.

Mas o bom humor que faz cóvegas e não arranha, que é criação do espirito e exprime alegria de viver, pouco abunda entre nós.

Vem dos tempos aureos da Atica, foi usado pelos atenienses na conversação e nos escritos, como o Sal tempera e torna a comida agradável ao paladar e ainda hoje é conhecido por «sal atico».

Pouco abunda entre nós quem quer dizer, a não tratar-se de privilegiados, que se pratica de preferência nas camadas populares onde o folclore é igualmente genuíno.

N'uma das minhas frequentes viagens à capital, encontrava-me um dia pelo recente temporal, n'um dos carros abertos com que a «Carris», a par da falta de lugares, mimoseia os passageiros durante o inverno.

Numa das paragens, levantam de jôra uma das cortinas, ouve-se o ruído de

Conclue na página 2

ECOS DA FESTA DO MARTIR

Não é frequente nevar no Alentejo. Por isso quando, como há dias, a neve estende seu manto glacial e nevintente sobre a terra transtagana, os povos, surpreendidos, gozam com a maravilha do espectáculo e, por mais cautelosos e prudentes, não recesam afrontar a frialdade do niveo tapete.

Toda a gente sai para a rua e para o campo e admira, aqui, a brancura imaculada que reveste praças, artérias e telhados, deslumbra-se, ajém, com o aspecto sibertiano da paisagem. Árvores arrancadas a um sonho de mágico encantamento a desfazerem-se em fiapos irisados pelas radiações solares, e, por toda a parte, é de extasiar o sortilégio de uma das mais esplendorosas e fantásticas belezas liberalizadas pela Mãe-Natura.

Mas não é só o obelo que prende e subjugam; a face utilitária de tão raro fenómeno meteorológico também não deixa de ser considerada, porque, embora o armentio tenha de sofrer, os lavradores sabem quanto são compensados, na rica aducação do agro, com o azoto carregado pelos alvos flocos, benefício expresso pela sabedoria popular no adágio: — Ano de nevão, ano de pão.

Foi assim que naquele sábado, véspera da festa do Mártir Santo, Nisa, ao acordar, ficou agradavelmente surpreendida por se ver envolta em clámide de arminho e todos os agricultores rejubilaram na antevisão de próspero ano cerealífero.

Só os devotos de S. Sebastião ou os entusiastas da sua festa olhavam apreensivamente para o intérmio manto que se estendia sobre a vila, cauda de gigantesco manto de noiva com que Deus aprouve cobrir, naquela gelada noite, o dorso da Serra da Estrêla. É que a festa ia ser diferente da dos últimos anos, com maior luzimento e mais ruidoso entusiasmo. E era pena que a neve ou a chuva viesse estragar tudo...

Felizmente as apreensões dissiparam-se logo ao alvorecer do domingo: o sol surgiu brilhante e os seus raios, trespassando o éter desanuviado e límpido, arrancavam cintila-

ções fulgurantíssimas dos milhões de gelados prismas em que incidiam. Era verdadeiramente o esplendor dominical: a Natureza toda em festa entoando um hino de graças ao Criador, a terra e o céu em competência para cantarem a glória de Deus.

A festa do Martir é, desde remotas eras uma das de maior predilecção de todos os nisenenses. Mas, como determinação das autoridades eclesiásticas deixaram de fazer-se, há alguns anos, os arraiais no largo adjunto à capela, não sendo sequer permitido que a filarmónica abrilhantasse a festividade, foi esta decaído, limitando-se apenas à Missa cantada na Igreja Matriz, para a qual processionalmente era conduzida a imagem do glorioso soldado de Cristo.

Este ano, porém; removidos judiciosamente todos os obstáculos que se opunham ao reviver de tão simpática tradição, só deixou de fazer-se, como antigamente, o arraial da véspera (Conclui na página 2)

Gazetilha

«Gazetilha»

«Gazetilha»

«Gazetilha»

«Gazetilha»

BAZAR

Dirigido por Gualter Cardoso e tendo como chefe de redacção o jornalista profissional Jorge Ramos publica-se em Lisboa todas as 3.ªs feiras um novo magazine ilustrado de actualidades, literatura, cinema, desporto, teatro, rádio e humorismo: «Bazar», repositório de relatos de viagens, crónicas científicas e vida feminina.

«Bazar» tem o exclusivo de publicar inéditos de escritores americanos e europeus em versões portuguesas.

A redacção é na Rua Eugénio dos Santos, 76 — LISBOA.

Agradecemos o exemplar oferecido.

«Gazetilha»

«Gazetilha»

ANTOLOGIA

Azulejos

por JÚLIO DANTAS

Fomos um dia os dois, como dois bons amigos
—Lembras-te?—aberta ao sol a sombrinha vermelha,
vêr nos grandes salões da tua quinta velha
uns célebres «panneaux» de azulejos antigos.

Século XVII. Um encanto. Os perigos
que uma dama passou por causa de uma abelha:
Um coche que se afasta, um galã que ajoelha,
E ao longe um fundo azul de campos e de trigos...

De repente, tremeu na tua a minha mão;
baixaste o olhar, coraste: ao fundo do salão,
o mesmo par azul unia-se num beijo...

Lá fora, o sol doirava a terra palpitante.
Apertei-te ao peito, e... amor, daí por diante
continuamos nós dois a história do azulejo.

Ecos da Festa do Martir

(conclusão)

ra. Não tivémos, por isso, a delicia de, a zero graus, vermos nos restos da neve o reflexo das girândolas multicolores ou, de gargalo no ar, seguirmos a luminosa ascensão do balãozinho; mas, valha-nos Deus, ainda hoje nos parece sentir nos tímpanos a repercussão do estrondo dos morteiros e o som marcial da nossa filarmónica, à qual o S. Sebastião, substituindo o balão de véspera por outro de oxigénio, conseguiu insuflar algum alento, fazendo-a reviver por breves dias.

Como todos gostámos de verificar tão desejada ressurreição e como todos estimariámos se mantivesse indefinidamente a energia galvanizadora que, como a Fénix da fábula, fez ressurgir, das mornas cinzas do desleixo, uma corporação que já conta um século de vida gloriosa!

Que é necessário para isso? Apenas a boa vontade e o espirito de ser útil à nossa terra, qualidades estas que, nos sócios executantes, jamais devem ser inferiores ao seu comprovado gosto artístico e à sua indimentável vocação para arte tão sublime.

Uma festa sem música não faz sentido: festa cívica ou festa religiosa!

Não há comoza marcialidade de um hino, para gerar entusiasmo nem como os melodiosos acordes para acender o sentir.

Napoleão conseguiu escalar os Alpes sob a cadência duma dinâmica marcha de guerra. E a fé não me consta que, para ser ardorosa, tenha de ser argamassada em tristeza.

Como diz o Dr. Serras e Silva, «a religião cristã tem em grande conta a alegria...».

Os santos são alegres quasi todos. «Os mártires do circo romano morriam muitas vezes a cantar!»

A alegria é fonte de vida. Já um velho cura, na festa do orago da freguesia, recomendava: —Toquem a alvorada bem cedo, que pera o ano haverá mais baptizados...

Tribuna Livre

Conclusão

qualquer coisa arrastada pelo chão e imediatamente:

—Tire daqui isso! Olhe, você que me rompe as meias... A cortina sóbe um pouco mais e aparecem duas carvas agelhadas de peixeiras, lavadas pela chuva:
—Oh! Minha rica senhora, não seja másinha, diz uma.

—Não queira impedir-nos de ganhar a vida, diz a outra.

A dama recalcitrante resignava-se a levar as canastras dos besugos entre as pernas porque o carro parte com as raparigas já na plataforma da rectaguada, incrivelmente empoleiradas.

Mas acode outra:
—Tem muita razão, minha Senhora. A mim aconteceu-me ha pouco a mesma coisa. Umas meias novas que meu marido.

Mas deixei de ouvir a conversa para considerar quantos cuidados e apreensões merecem ás mulheres de hoje em dia estes componentes da «toilette» feminina, que agora até se juzem de vidro para serem menos frágeis...

Na paragem seguinte dão-se umas vagas e uma

Foi talvez pelo imperativo destas premissas que as festas do rito católico, nesta diocese, voltaram a ser abrilhantadas por bandas e fanfarras como noutros tempos. E agora, só nos resta fazer votos de que tal permissão se mantenha e de que a nossa filarmónica perdure, para, na festa da Senhora da Graça e em todas quantas; cívica ou religiosamente, venham a celebrar-se nesta linda Corte das Arelas, tornando a ouvi-la como o mesmo gosto e a mesma alegria com que a apreciámos no arrafal do Martir: com os pés regelados do frio da neve, mas com o coração abraçado em fervor bairrista!

J. FIGUEIREDO

Aqui... Rádio Jornal

MOMENTOS

UM PENSAMENTO

A tradição, elo que ata e harmoniza o passado com o presente, é o vínculo que liga o passado ao futuro.

Camilo Castelo Branco
UM PARÁGRAFO

A virtude! Eis aqui o principal, o mais precioso ornamento do homem. O homem virtuoso! Eis aqui o homem que todos desejam para exercer o poder, para subir ao altar, para vestir a toga, para cingir a espada, para dirigir todos os seus negócios individuais, domésticos e sociais.

Silveira Malhão
COMPARAÇÕES

Assim como conhecemos a fineza do alambre, senão se o esfregamos, assim não conhecemos a lealdade do amigo, salvo se o experimentamos.

Frei Hector Pinto
UM DITADO

O modo preguiçoso, por não dar uma passada, dá oito.

ECOS DO MES

Propuzemo-nos, ao iniciar esta secção, disseminar «Cultura e Propaganda». Tentaremos fazê-lo com o melhor ao nosso alcance e segundo as nossas possibilidades.

Apresentamos, numa das alíneas anteriores, um autor de sobejovalor nas «letras» portuguesas: Camilo Castelo Branco, que nasceu no ano de 1826 e morreu em 1890. Autor de inúmeros trabalhos, utilizou, segundo deduzo do livro a que me reportei, para escrever estas linhas, quasi todo o género literário: desde a descrição minuciosa de factos reais; passando pelo drama; até ao satírico, deliciosamente irónico. Todas as suas obras são como que a reminiscência duma realidade, que se pode dar na rotineira vida que seguimos; talvez por isso seja maior o número daqueles que procuram nos seus livros, um pouco de «Cultura».

das peixeiras salta, lesta, para o interior:

—O cavaliheiro chega-se para lá um pouco para dar lugar à minha companheira?

Fh! Aninhas, «anda cá para este povo».

—E é já, que eu aqui «mal me aguento nas cané-las».

Nisto, aparece no estribo o condutor:

—Então o que vem a sôr isso? Você põe e dispõe! Vêja lá, se quere que lhe passe os bilhetes e o alicante para as mãos!

—Olha o malcriado!

Querer meter o... aqui-lo que você diz, nas mãos da gente!!

A bigodeira severa do Jurdado desfez-se n'um largo sorriso e num acolhida de ombros e o bom humor da rapariga desempertou a atmosfera que se ia carregando com a história das meias rötas.

X.

ZIG-ZAGS

Elogio das sogras

«Entre um genro que raciocina e sogra que delira, não existe qualquer possibilidade de entendimento.»

(Da Tribuna Livre—O jogo dos Césares, no «Correio de Nisa» n.º 13).

Velho amigo e senhor X:
Aquilo que você diz
Na sua Tribuna Livre
No dia vinte e um de Outubro,
Inda que fiquem ao rubro
Ou fiquem cor de gengibre
Todas as sogras do mundo,
É uma grande verdade.
É um conceito profundo,
Um axioma evidente.
Pois com toda a claridade
Muita gente sabe que «entec
Um genro que raciocina
É uma sogra que delira,
Jámais há possibilidade
De qualquer entendimento.»
Ninguém há que não adira
A tão sábio pensamento.

A todos você ensina
Que é preciso ter cautela
Com a língua viperina,
Sempre a dar à faramela;
Mesmo da melhor das sogras.
Todas são tal como as cobras
Que se encontram nos caminhos.
Em vez de terem carinhos
Ou a menor atenção
Para os pais dos seus netinhos,
Nunca perdem ocasião
De ferrar dentes daninhos
Ou de espetar o farpão
Da sua língua ferina,
Cheia de baba malina,
Negra, negra, como breu.
Na mais má reputação
Dos genros que Deus lhe deu.

Só algum genro poltrão,
Presilamine e sandeu,
Pode ter estimação
Pela sua feroz sogra.
Mas esse mesmo não logra,
Dê o mal por onde der,
A menor consideração,
O mais pequeno respeito.

Ainda que distante, chegou
até mim um «Eco» que regoijou o meu amor próprio de nissense, amante da sua terra e do franco progresso que a todo o instante lhe antecipa.

Transcrevo o extracto duma carta que recebi, e que em toda a sua extensão e simplicidade demonstra o que no parágrafo anterior mencionei:

«...No Domingo tivemos, em Nisa, a inauguração dum «Café». A concorrência de fregueses era enorme, dando uma nota de alegria desusada neste tranquilo burgo, tão alheio à agitação... tão apático».

«A vida do cinema o aparecimento de algumas «Senhoras» deu, a sua jovialidade e beleza, um «toque» mais moderno e mais aristocrático ao ambiente geral.»

«Verifiquei uma maior simplicidade e reciprocidade de relações. Em suma: Se viesse a Nisa, certamente não a reconhecerias...».

—Se assim for, talvez seja verdade que eu não reconheça a terra onde nasci; e veracidade de tal facto seria para Nisa, apenas mais uma admirável «Propaganda».

N. C.

Da mãe de sua mulher.
Pois todas são de tal geito
Embora pareça incrível,
Que não ha «colha» possível
Iriam todas a oito
Para a força, a justiça,
Se as quizessem premiar
Com a justa recompensa
Que todas elas merecem
Té mesmo a que o não par
Pois será rara excepção
Sogra boa, sem senão.

Creiam que, quem assim
É altamente feliz
Porque tudo isto que diz
Não no sabe de experiência
Mas só por ouvir dizer
A alguns genros desgraçados
Ha muito tempo casados
Eis a razão da ciência
Deste nosso parecer.
E você, amigo X,
Que por aquilo que diz,
Tenho a certeza de ser
Daquela espécie de genro
Nada moles, nada tenros
Mas mui duros de roer,
Ouça aqui o meu conselho
Que é bem dum amigo.

Faça as pazes com a sogra
E suporte-lhe os beliscos
Trovões, raios e coriscos
Com que ela o queira ferir
Pois, creia, só assim logra
Que ela possa um dia vir
A arrepender-se, contrito
Com a consciência aflita
De tanto mal que lhe fez.

Mas no dia em que ela
Chegará a sua vez
De tirar dura desforra,
Pagando bem ao coveiro
Para a enterrar bem fundo
De modo que nem o cheiro
Dela volte a este mundo
E ponha-lhe este letreiro
Em cima da sepultura:

—«Aqui jaz a minha sogra
A três braços de fundura
Só, enfim, agora logra,
Nesta cova funda e escura
O prémio da bela obra
De amizade e de ternura
Por este genro infeliz
Que sofreu tanta amargura
E se chama e assina X.»

«A terra lhe seja dura
E lhe seja bem pesada
Nesta cova triste e escura
Onde fica sepultada
A três braços de fundura

HOMEM DE

NASCIMENTO

Felicitamos vivamente
Dr. José Frausto Bassa
Ex.ª Esposa pelo nas-
cimento de um filho.

Que Deus a todos
as melhores graças seja
e os votos mais sinceros.

ANUNCIEM NO «CORREIO DE NISA», QUE CIRCULA EM TODO O PAÍS.

Justino

Secaria.
Basórios
omóveis.
«Pne
Royal» Ap
«Arroz», «Z

N

Naves

ogas e

5

Bicicleta

da República

Mário

PIER

go de

N

e

da Co

TAGUS

Livraria

A. Irm

TELEF

LUGAR

LUIZ D

PA

ortaliç

de Ser

Banda

LUIZ R.

olaliç

des, de

e todos

Dr. Fra

PI

650

Ma

PE

a

a

a

a

a

a

a